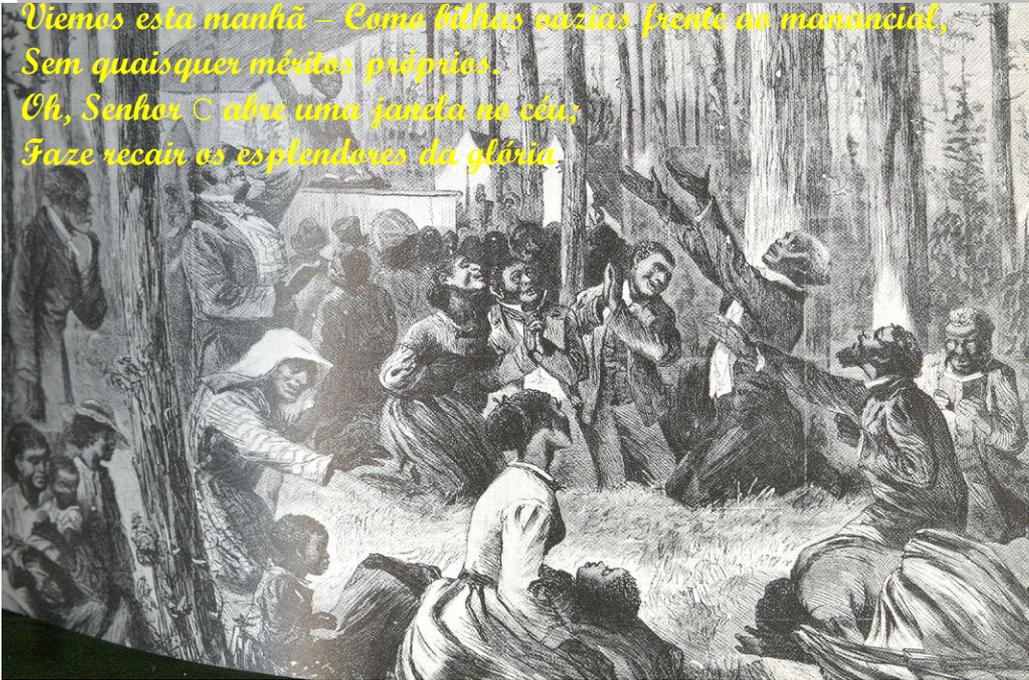


*Oh, Deus, aqui estamos nesta manhã  
Ajoelhados; o corpo curvado  
Ante o teu trono de graça.  
Oh, Deus ☉ esta manhã –  
Abaixo dos joelhos, vergamos nossos corações;  
Joelhos postos nalgum vale solitário.*

*Viermos esta manhã – Como biltas vazias frente ao manancial,  
Sem quaisquer méritos próprios.  
Oh, Senhor ☉ abre uma janela no céu;  
Faze recair os esplendores da glória.*



*Sermão no Mato!*

# Os Trombones de Deus

**Sete Sermões dos Negros em Versos**

*James Weldon Johnson*

---

<sup>1</sup> Imagem do livro “*Before the Mayflower – A History of Black America*”, de Lorone Bennet Jr.



## *James Weldon Johnson, 1871 - 1938*

*Em 26 de junho de 1938, com o automóvel parado, em meio a uma tormenta, sobre os trilhos da ferrovia, morre o ativista, diplomata e, sobretudo, poeta, James Weldon Johnson.*

*Nas páginas seguintes sua própria introdução a Os Trombones de Deus, e comentários para o leitor de língua portuguesa, a respeito do poeta e do trabalho escolhido para homenageá-lo neste Projeto Cultural DACOSTA.*

## Aaron Douglas



Quem visitar à YMCA (ACM) da Rua 135, no bairro Harlem, de Nova York, vai encontrar pelas paredes obras de Aaron Douglas – dentre elas o magnífico mural de 19 m x 4,5 m *Evolution of the Negro Dance*, criado em 1933 pelo morador da casa acemista, o jovem pintor Aaron Douglas. Lá existem registros de outros que encontraram abrigo na casa dos jovens negros de Nova York – entre eles, Langston Huges, Richard Wright e James Weldon Johnson.

Aaron Douglas (1899-1979) foi talvez o mais conhecido dos artistas das artes visuais dos anos 1920. Chegou à Nova York em 1924, logo após haver-se graduado na Universidade de Nebraska. Douglas rapidamente desenvolveu uma estética altamente estilizada, caracterizada por formas espacialmente comprimidas e cromaticamente suavizadas.

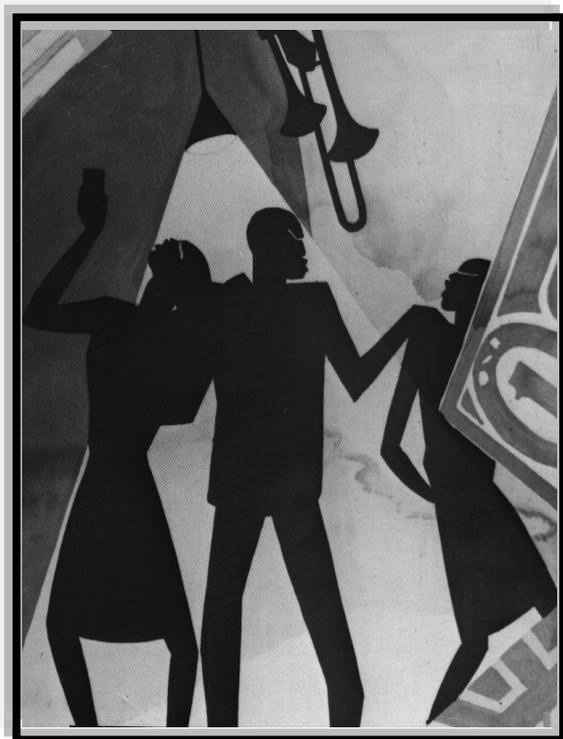
Logo após estar em Nova York teve a fortuna de conhecer o colecionador de Filadélfia Albert Barnes. Este facilitou a Douglas ter acesso à sua coleção de esculturas criadas na África do Ocidente, bem como à sua destacada coleção de pintores europeus. Ironicamente, num momento em que a arte norte-americana experimentava uma ambivalência entre o modernismo e a influência do assim chamado primitivismo, Douglas teve acesso não apenas ao que havia de melhor das esculturas africanas, mas também viu sua influência sobre mestres da pintura, tais como Gauguin, Picasso e Matisse. Fortemente influenciado pela pouca profundidade de campo dos modernistas, o monocromatismo do Cubismo Analítico e às extremas simplificações e estilização da escultura africana, Douglas desenvolveu um estilo para suas pinturas e ilustrações de tal forma que veio a ser considerado como o modelo da expressão visual no movimento chamado Renascimento do Harlem.<sup>2</sup>

---

2 - Baseado em texto do livro “*Harlem Renaissance – Art of Black America*”

# Os Trombones de Deus

## *God's Trombones*



## Sete Sermões dos Negros

**James Weldon Johnson**

Gravuras do artista plástico *Aaron Douglas*

*Tradução: José Luiz Pereira da Costa*

### Oração preliminar

OUÇA, SENHOR C UMA ORAÇÃO

### Os sete poemas

A Criação

O filho pródigo

Vai lá, morte! – um sermão fúnebre

Noé constrói a arca

A Crucificação

Deixa meu povo ir

O Dia do Juízo Final

## APRESENTAÇÃO

Até agora, decorridos mais de setenta anos de sua publicação original, em Nova York, não surgiu uma tradução para o português<sup>3</sup> de *God's Trombones*.

É uma pena, porque no Brasil existem tantas pessoas que amam a música americana, especialmente *spirituals* e *blues*. Tais pessoas, em expressivo número, ouvem, com a reiteração do prazer de gostar, *Go Down Moses* ou *Sometimes I Feel Like a Motherless Child* ou *Shadrack* ou *Everytime I Feel the Spirit*, e tantos outros. Desejariam elas saber o significado das letras? Haveria, por certo, às que, sim, gostariam.

James Weldon Johnson, no prefácio desta obra, afirma: *Muito foi escrito a respeito da criação folclórica do negro americano; sua música, sacra e leiga, as narrativas das fazendas, as danças. Todavia, os sermões religiosos passaram despercebidos.* Creio que, da mesma forma, muitas das pessoas que amam os *spirituals* aprovariam conhecer um sermão negro. Entretanto, aí surge um problema: o *spiritual* tem a música, o ritmo que agrada à audição. O sermão possui, apenas, as palavras e o ritmo, a cadência, a métrica, quando feito poema, como no original. Portanto, o conhecimento da língua inglesa torna-se indispensável. Novamente, buscando-se o prefácio de Johnson, iremos encontrar o seguinte: *Os tempos do pregador busquei indicá-los pela ordenação das linhas dos poemas, e um certo tipo de pausa é assinalada por uma breve tomada de ar e uma audível expulsão deste ar, que os assinalei com travessões. Há um forte sincopado de fala – a aglomeração de muitas sílabas ou a expansão de umas poucas para atingir determinada métrica, um sentimento que deve ser deixado por conta do ouvido do leitor. A tônica rítmica desse sincopado é parcialmente obtida pela silenciosa marcação de uma fração de batida; freqüentemente esta fração de silêncio é preenchida com palmas.*

Não há como, na língua portuguesa, ou em outra que não a usada pelos

---

<sup>3</sup> - Pesquisa nas bibliotecas Nacional e das universidades do RS, SP e RJ., Via Internet.

pregadores negros (*Eles estavam impregnados pela fraseologia sublime dos profetas judeus, e saturados no linguajar da versão bíblica inglesa de Rei James, assim que, quando pregavam e preparavam seu trabalho, usavam outra linguagem, uma linguagem muito distante do tradicional dialeto negro. Era, realmente, uma fusão entre os idiomas negros e o inglês da Bíblia; e aí deve ter havido, a mais, alguma familiaridade com uma inata grandiloqüência de suas ancestrais línguas africanas* – J. W. J) recuperar, numa tradução, a aglomeração de sílabas, sincopados tônicos, silêncios e ênfases, além de aleluias, améns e palmas, dentro do espírito poético original.

O que fazer?

Se Johnson diz que os *poemas serão mais bem entoados do que lidos*, e se refere ao seu original em inglês, não haverá como ser fiel ao seu trabalho, traduzindo-o noutra língua. Aliás, a exclusão de outra língua, ainda segundo o autor, dá-se mesmo com o que chamam de dialeto, ou seja, variedades regionais ou sociais da língua inglesa, nos Estados Unidos. E Johnson alinha, em seu prefácio, duas importantes razões porque não produziu seu trabalho em dialeto.

Acho, não obstante, que a leitura dos sermões, traduzidos, representará a tomada de contato como uma heresia. Mas quem vier a ler as traduções, se interessado na matéria, e deficiente da língua inglesa, não estará perdendo nada; estará sim obtendo, mesmo com limitações, a compreensão de uma manifestação cultural do mesmo povo que criou maravilhas como os *spirituals*.

Melhor do que nada!

Perdão, pois, pela heresia, pelas liberdades de tradução que tomei e, perdoem-me, da mesma forma, por eventuais ingenuidades ao cair em armadilhas lingüísticas, na conversão de idéias ou palavras do idioma estrangeiro para o meu. Espero, todavia, que uma herança comum ao autor e tradutor, apesar de distâncias geográficas, culturais e temporais, compense em parte a falta de acurada métrica, *o fervor da congregação, os améns, as aleluias, o subtom das canções que eram o suave fundo*

*para certas partes do sermão.*

Por fim, para ajudar à compreensão da razão das poesias, e destas o sentimento imanente, gostaria de incluir no conjunto deste texto, em primeiro lugar, a letra de um *spiritual*, recolhido pelos herdeiros dos escravos que, como o autor, se tornaram letrados:

### *Canção dos Negros*

*Caminho pelas alamedas do cemitério  
 Para deitar este corpo.  
 Da lua e das estrelas conheço o nascer;  
 Caminho à luz da lua; caminho à luz das estrelas.  
 Vou deitar-me no túmulo, e esticar os braços.  
 Irei para o julgamento na tarde desse dia;  
 E minha alma, e a tua vão se encontrar nesse dia,  
 Quando deitar este corpo, enfim.*

No poema *Vai lá, morte*, tem-se a seguinte passagem:

*Viu a velha Morte. Viu a velha Morte,  
 Chegando como estrela cadente.  
 Mas a morte não intimidou Caroline;  
 Olhou-a como a uma velha conhecida,  
 E sussurrou-nos: Estou indo para casa.  
 E sorrindo, fechou os olhos.*

William Edward Burghardt Du Bois é um dos mais importantes pensadores afro-americanos, nascido no século passado (1868-1963). Em sua obra clássica *Souls of*

*Black Folks* (As almas do povo negro), tratando das manifestações exteriores de sentimento, mais especificamente à música, não olvida os sermões dos pregadores negros. Todavia, a leitura do breve trecho a seguir, quem sabe, haverá de tornar esta obra de James Weldon Johnson mais acessível. Diz Bu Bois:

*Estas canções são a mensagem articulada do escravo para o mundo. Elas são a música de um povo infeliz, dos filhos da desilusão; dizem-nos da morte e do sofrimento e da ânsia muda de chegar a um mundo mais verdadeiro, de misteriosos roteiros e caminhos escondidos.*

No poema *A Crucificação*, Jesus, no Jardim de Getsêmani, falando aos discípulos diz:

*Minha alma está triste –  
Mesmo na morte.*

Assim, são os sermões.

A morte da irmã Carolina tem toda a simbologia da felicidade – *a glória de livrar-se dos padecimentos de ser negro e escravo, e repousar no seio de Jesus*, que se completa com a idéia antagônica contida nas duas linhas de *A crucificação*.

Porto Alegre, maio de 1998

José Luiz Pereira da Costa

# INTRODUÇÃO ORIGINAL

Muito foi escrito a respeito da criação folclórica do negro americano; sua música, sacra e leiga, as narrativas das fazendas, as danças. Todavia, os sermões religiosos passaram despercebidos. Lembro-me, em minha infância, de ouvir sermões que passavam, apenas com pequenas modificações, de pregador para pregador, de localidade para localidade. Tais sermões eram, *The Valley of Dry Bones* (O Vale dos Ossos Secos) baseado na visão do profeta Ezequiel, 37<sup>o</sup> capítulo; *The Train Sermon* (O sermão do trem), no qual tanto Deus quanto o Diabo são retratados como condutores de trens, um cheio de santos, que desembarcavam no céu, e o outro com pecadores, que eram despejados no inferno; o *Heavenly March* (Marcha celestial), que dava em detalhes a viagem dos crentes, da terra passando pelos perolados portões do céu, até o grande trono branco. Então, havia o estereotipado sermão no qual inexistia tema definido, e que era muito usado. Este começava com a Criação, seguia pela tentação e sucumbência do homem; perpassava pelas tentações e atribulações dos filhos de Israel; marchava até a redenção de Cristo e terminava no Juízo Final, como exortação de advertência aos pecadores. Esta era a moldura de um sermão que permitia ao pregador alongar-se na mais distante latitude que poderia ser desejada por toda a sua habilidade e poder. Havia um sermão negro que em seus dias era um clássico, e muito conhecido pelo público. Milhares de pessoas, brancos e negros, apinhavam-se na igreja de John Jasper, em Richmond, Virginia, para ouvi-lo pregar o famoso sermão, que garantia ser o mundo chato e que o Sol não se movia. O sermão de John Jasper era imitado e adaptado por muitos pregadores menores.

Ouvi, faz uns poucos meses, no Harlem, uma versão atualizada de *O sermão do trem*. O Pregador intitulava-se *Filho do Trovão* – um apelido adotado por muitos dos antigos pregadores – e fraseava seu tema *O Expresso Diamante Negro, trafegando ente a Terra e o Inferno, atendendo treze paradas, e chegando adiantado no inferno*.

Ao pregador negro de antigamente ainda não foi dado um espaço no qual ele se enquadre adequadamente. Ele tem sido retratado apenas como uma figura semicômica. E tinha, é verdade, seus aspectos cômicos; mas no seu todo era uma figura importante, e, no fundo, de fator vital. Por seu intermédio que, a povos de diferentes linguagens e costumes, trazidos para aqui de diversas partes da África, e jogados na escravidão, foi dado um primeiro sentido de unidade e solidariedade. Ele foi o primeiro pastor desse rebanho desorientado. Seu poder para o bem ou para o mal era imenso. Foram os pastores do estilo antigo a principal fonte de esperança e inspiração para os negros na América. Foram esses pastores que instilaram nos negros a narcótica doutrina epitomada no *spiritual You May Have All Dis World, But Give Me Jesus* (Podes ficar com tudo deste mundo, mas dá-me Jesus). O poder dos pastores do estilo antigo, de certa forma abrandados e modificados em seus sucessores, é ainda força vital; de fato; é ainda a maior fonte isolada de influência sobre o povo negro dos Estados Unidos. O negro é hoje, talvez, o grupo no país a sofrer maior influência de religiosos.

A história do pregador negro recua até os tempos coloniais. Antes da Guerra Revolucionária, quando a escravidão ainda não havia assumido seu mais sombrio e desumano aspecto econômico, havia famosos pregadores negros, que predicavam tanto para brancos como para negros. George Liele pregava para as duas raças em Augusta, na Geórgia, em tempos distantes como 1773, e Andrew Bryan, em Savannah, alguns anos mais tarde<sup>4</sup>. O mais famoso desses pioneiros pregadores chamava-se Black Harry, que durante o período revolucionário acompanhava o bispo Asbury, como chamariz e que pregava, da mesma tribuna, com outros fundadores da Igreja Metodista. A seu respeito, John Ledman, em seu livro *History of the Rise of Methodism in America* (História da origem do metodismo na América), diz *A verdade é que Harry era um orador mais popular do que Mr. Asbury ou qualquer outro em seu tempo*. Duas ou três décadas antes da Guerra Civil, os religiosos negros, no Norte, muitos deles bem educados e preparados, se constituíam em corajosos oradores na pregação contra a escravidão e seus males.

---

<sup>4</sup> - Nota do autor. Consultar *The History of the Negro Church*, de Carter G. Woodson.

O efeito sobre o negro da existência de lugares independentes e separados para suas orações pode dificilmente ser avaliado. Alguma idéia de quão longe este efeito chegou pode ser obtida com a comparação entre as tendências sociais e religiosos enfrentadas pelos negros no Velho Sul e os negros da francesa Louisiana e os das Índias Ocidentais, onde se encontravam envoltos e conduzidos pela Igreja Católica Romana e pela Igreja da Inglaterra. O velho pregador conseguiu estabelecer esses locais independentes de pregação e, assim, implantou a primeira esfera onde uma liderança da própria raça podia se desenvolver e funcionar. Estes grupos espalhados e, comumente, clandestinos cresceram de forma a se tornarem as organizações mais poderosas e ricas entre as pessoas de cor americanas. De outra forma: não fora esses locais de adoração jamais teriam surgido quaisquer dos *spirituals*.

O velho pregador era, geralmente, um homem de inteligência muito acima da média; era, freqüentemente, um homem de caráter positivo. Os mais antigos desses pregadores formaram, por certo, sua memória dos registros bíblicos através da audição de trechos das escrituras, lidos por pregadores brancos, em igrejas brancas, que permitiam o acesso de escravos. Eles foram também os primeiros escravos que aprenderam a ler e escrever, sendo que sua leitura se confinava à Bíblia e, especialmente, às passagens mais dramáticas do Antigo Testamento. O texto servia principalmente como um ponto de partida e, comumente, não tinha qualquer relação com o desenvolvimento do sermão. Tampouco, o velho pregador deixava de falar sobre qualquer texto dentro dos limites da Bíblia. Há a história de um pregador que após haver lido uma passagem um tanto hermética, retirou os óculos, fechou a Bíblia com um estrondo e, a título de prefácio, afirmou: *Irmãos e irmãs, esta manhã – desejo explicar o inexplicável, encontrar o inencontrável, ponderar sobre o imponderável e sondar o insondável.*

O velho pregador negro de talento era, acima de tudo, um orador, e, em grande

parte, um ator. Ele sabia o segredo da oratória, que, no fundo, é a progressão de palavras ritmadas, mais do que qualquer coisa. Em verdade, eu testemunhei congregações se moverem em êxtase face à ritmada entonação de singelas incoerências. Era, entretanto, um mestre de todas as formas de eloquência. Comumente possuía uma voz que se constituía em maravilhoso instrumento, uma voz que a podia modular de um sussurro sepulcral até uma retumbante trovoadas. Seu discurso se mantinha, todo, um tom de excitação, que descia, às vezes, ao tom coloquial e, noutras, ao humor. Ele pregava um Deus pessoal e antropométrico, um céu ideal e um inferno fervente-escarlate. Sua imaginação era audaz e sem limites. Tinha o poder de arrebatá-los seus ouvintes, da mesma forma como comumente se deixava ele próprio arrastar. Nessas oportunidades, seu discurso não era o da prosa, senão que poesia. Foi a lembrança de tais pregadores que fez crescer a idéia deste livro de poemas.

De forma geral, esses poemas se inspiraram em vagas memórias de sermões que ouvi, sendo pregados, em minha infância; mas o mais imediato estímulo de escrevê-los ocorreu muito recentemente. Num domingo em Kansas City eu falava, numa série de encontros que cumpria em igrejas negras. Quando terminei o quarto dos pronunciamentos, já passava das nove horas da noite, e o comitê me informou que havia ainda mais um encontro em que eu falaria. Eu objetei, fazendo uma citação a respeito da disposição do espírito, mas das fraquezas da carne, pois eu estava muito cansado. Também me queixei do adiantado da hora, mas fui informado de que, para a sessão naquela igreja, estávamos no horário. Quando chegamos à igreja um exortador estava recém concluindo seu tedioso sermão. Após o seu, não haveria nenhum dos breves sermões. Tratavam-se de sermões preliminares, apenas preparatórios para um famoso orador visitante. Enfim ele se ergueu. Era um homem de coloração marrom-escuro, encantador em suas proporções agigantadas. Ele aparentava autoconfiança, talvez impressionado com a presença de um *distinto visitante* na plateia, e começou um sermão formal, dentro de um texto convencional. A congregação se mantinha apática e

sonolenta. Sentiu que estava perdendo a audiência e sua oportunidade. De repente, fechou a Bíblia, saiu de trás do púlpito, e começou a pregar. Iniciou a entoar um antigo sermão popular que principia com a criação do mundo e termina com o Juízo Final. De imediato havia se transformado num outro homem – livre, à vontade, dominador. A mudança na congregação foi instantânea. Uma corrente elétrica correu pela multidão. Era um momento vívido de palpitação. Num instante, o pregador os tinha sob controle. Ele era maravilhoso na forma empregada para transmitir, consciente e inconscientemente sua arte. Começou a subir e descer do púlpito, no que se constituía verdadeiramente numa dança muito ritmada, e passou a entoar toda a gama de sua voz maravilhosa, uma voz – como dizer? – não um órgão ou uma corneta, mais um trombone<sup>5</sup>, o instrumento possuidor, dentre todos os demais, do poder de expressar o amplo e variado espectro de emoções que se contém na voz humana, e com maior amplitude. Ele entoava; ele gemia; ele implorava – ele bradava, ele verberava, ele troava. Eu estava sentado, fascinado; e mais, eu estava, talvez, contra minha vontade, profundamente mudado; o efeito emocional sobre mim era irresistível. Antes que ele houvesse terminado, apanhei um pedaço de papel e, de alguma forma, subrepticamente, alinhei algumas idéias para o poema: *A Criação*.

Num primeiro impulso, o dialeto dos negros parecia ser o meio adequado para apresentar aqueles sermões de antanho. Todavia, como o leitor verá, os poemas não foram escritos dessa forma. Minha decisão de não usar o dialeto é dupla. Embora ele seja o instrumento adequado para dar voz a certas fases tradicionais da vida do negro, é, talvez, exatamente por isto, um instrumento bastante limitado. Em verdade, é um instrumento enfeixado em duas limitações absolutas: o patético e o humorístico. Estas limitações não se devem especificamente a algum defeito do dialeto por ser dialeto, mas ao modelo de convenção em que o dialeto negro nos Estados Unidos tem sido

---

<sup>5</sup> - Nota do autor. *Trombone*: Poderoso instrumento baixo da família das cornetas, sendo o único instrumento de sopro a possuir uma completa escala cromática em verdadeira harmonia, como a voz humana ou o violino, sendo, portanto, muito importante numa orquestra (*Standard Dictionary*).

posto – aos marcantes efeitos de uma longa associação da imagem do negro apenas como as figuras do preguiçoso e do despreparado. O poeta afro-americano<sup>6</sup> deverá com o tempo ser capaz de quebrar esta moldura convencional, e escrever poesia em dialeto sem o sentimento de que, na primeira linha, o leitor o colocará entre ser seu trabalho ou cômico ou trágico. Mas duvido que ele se empenhará em agir assim; haverá de considerar como algo que não vale a pena. Em verdade, praticamente nenhuma poesia vem sendo escrita usando o dialeto por poetas de cor, de hoje em dia. Eles puseram de lado o dialeto e descartaram a maioria do material e assuntos que integram a poesia de linguajar. O passamento do dialeto como veículo para a poesia negra haverá de se constituir verdadeiramente numa perda, posto que por seu intermédio muita coisa bonita pode ser feita, e feita melhor; todavia, na minha opinião, o dialeto negro *tradicional* como meio para os poetas afro-americanos está completamente morto. O poeta negro nos Estados Unidos, na poesia em que deseje dar um marcante tom e cor racial, necessita agora de um instrumento de maior alcance do que o dialeto; isto é, se ele deseja fazer algo mais do que vibrar às notas pequenas do sentimentalismo. Eu disse algo como isto no livro “*The Book of American Negro Poetry*” (O livro da poesia negra americana). E como não sei dizer melhor, vou repetir: *O que necessita o poeta negro americano é fazer algo como Synge<sup>7</sup> fez para os irlandeses; ele necessita encontrar uma fórmula que haverá de expressar o espírito racial mais por símbolos interiores do que exteriores – como esses da mutilação da grafia e pronúncia do idioma inglês. Ele necessita de uma maneira que seja mais livre e ampla do que o linguajar, mas que ainda assim consiga conservar o sabor racial; um jeito de expressar a imaginação, os idiomas, as peculiaridades de pensamento e os distintos tons de humor e patos, também, do negro, mas que será igualmente capaz de expressar as mais profundas e altas emoções e aspirações, e de permitir a mais ampla*

---

<sup>6</sup> - Nota do tradutor. No original, de 1927, está Aframerican, variante pioneira do hoje, fim da década de 1990, considerado, nos Estados Unidos, como politicamente correto: African-American.

<sup>7</sup> - Nota do tradutor. Synge, John Millington, 1871-1909. Teatrólogo irlandês cujas peças eram baseadas na vida rural irlandesa.

*gama de temas e o mais vasto escopo de tratamento.* A forma de *A Criação*, o primeiro poema deste grupo, foi um experimento primitivo nessa direção.

O segundo motivo de eu haver optado por não escrever esses poemas em dialeto tem mais peso. Os velhos pregadores negros, embora que usassem dialeto em sua comunicação, afastavam-se de suas limitações quando pregavam. Eles estavam impregnados pela fraseologia sublime dos profetas judeus, e saturados no linguajar da versão bíblica inglesa de Rei James, assim que, quando pregavam e preparavam seu trabalho, usavam outra linguagem, uma linguagem muito distante do tradicional dialeto negro. Era, realmente, uma fusão entre os idiomas negros e o inglês da Bíblia; e aí deve ter havido, a mais, alguma familiaridade com uma inata grandiloqüência de suas ancestrais línguas africanas. É simplesmente burlesco, pôr na boca de talentosos pregadores negros de antanho uma linguagem que é, literalmente, uma imitação dos dialetos falados nas plantações de algodão do Mississippi. O exagero no uso de palavras grandiloqüentes por esses pregadores C de fato, pelos negros em geralC tem ocorrido; também ocorre o riso como uma exibição de ignorância. Qual é a base para esse gosto à grandiloqüência? A predileção se deve à ignorância sendo mostrada como conhecimento? Não. O velho pregador negro adorava a frase sonora, boca-cheia, ouvido-pleno porque isto gratificava ao alto sentido de som e ritmo contido em si e em seus ouvintes.

Eu não reivindico para esses poemas mais do que eu os haja escrito seguindo a forma dos primitivos sermões. Na produção deles tive, naturalmente, a influência dos *spirituals*. Não existe maneira de recriar a atmosfera, o fervor da congregação, os améns, as aleluias, o meio-tom das canções que eram o suave fundo para certas partes do sermão; tampouco a personalidade do pregador<sup>8</sup> – seu

---

8 - Recomenda-se, neste Projeto Cultural DACOSTA, a leitura de artigo do teólogo . H. Cone, sobre a Igreja dos Negros.

magnetismo, seus gestos e encenações, suas mudanças de andamento, suas pausas de efeito, e, mais do que tudo, seu tom de voz. Estes poemas serão melhor entoados do que lidos, e isto se aplica de forma especial a *Ouve, Senhor, A Crucificação* e *Juízo Final*. Mas a entonação praticada pelo velho pregador é algo próximo ao impossível de ser descrito; deve ser ouvido, e é extremamente difícil de ser imitado mesmo quando ouvido. A melhor e talvez única demonstração ensejada ao público de Nova York foi a entonação do sonho, no teatro do *Madison Square Garden*, em 1917, de Ridgerly Torrence, *Rider of Dreams* (Ginete de Senhos), por Opal Cooper, do grupo Negro Players. Aqueles que tiveram a ventura de ouvi-los jamais poderão esquecer a emoção do espetáculo. Essas entonações são sempre uma matéria de crescendo e diminuendo de intensidade; um subir e descer em meio a um discurso linear e canto feroz. E comumente um efeito chocante é obtido pela interrupção, repentina, no ponto mais alto de intensidade e descendo para um tom monótono de discurso comum.

Os tempos do pregador busquei indicá-los pela ordenação das linhas dos poemas, e um certo tipo de pausa é assinalada por uma breve tomada de ar e uma audível expulsão deste ar, que os assinalei com travessões. Há um forte sincopado de fala e a aglomeração de muitas sílabas ou a expansão de umas poucas para atingir determinada métrica, um sentimento que deve ser deixado por conta do ouvido do leitor. A tônica rítmica desse sincopado é parcialmente obtido pela silenciosa marcação de uma fração de batida; freqüentemente esta fração de silêncio é preenchida com palmas.

Um fator na criação da atmosfera era a oração preliminar, que a incluí. A líder era geralmente uma mulher. Era ela quem preparava o caminho para o sermão, ordenando o cenário. Todavia, mais impressionante, ao mesmo nível da oração, era a resposta do coro, que ensinava uma qualidade antífona, que não tentei transpor. Essas orações preliminares eram comumente muito menos notáveis do que os sermões.

O velho pregador negro está rapidamente desaparecendo. Eu tentei aqui, com sinceridade, registrar algo de si.

Nova York, 1927



## Senhor, uma prece

Oh, Deus, aqui estamos nesta  
manhã

Ajoelhados; o corpo curvado  
Ante o teu trono de graça.

Oh, Deus – esta manhã –  
Abaixo dos joelhos, vergamos  
nossos corações;

Joelhos postos nalgum vale  
solitário.

Vimos esta manhã –

Como bilhas vazias frente ao manancial,  
Sem quaisquer méritos próprios.

Oh, Senhor – abre uma janela no céu;  
Faze recair os esplendores da glória  
E ouve-nos – esta manhã.

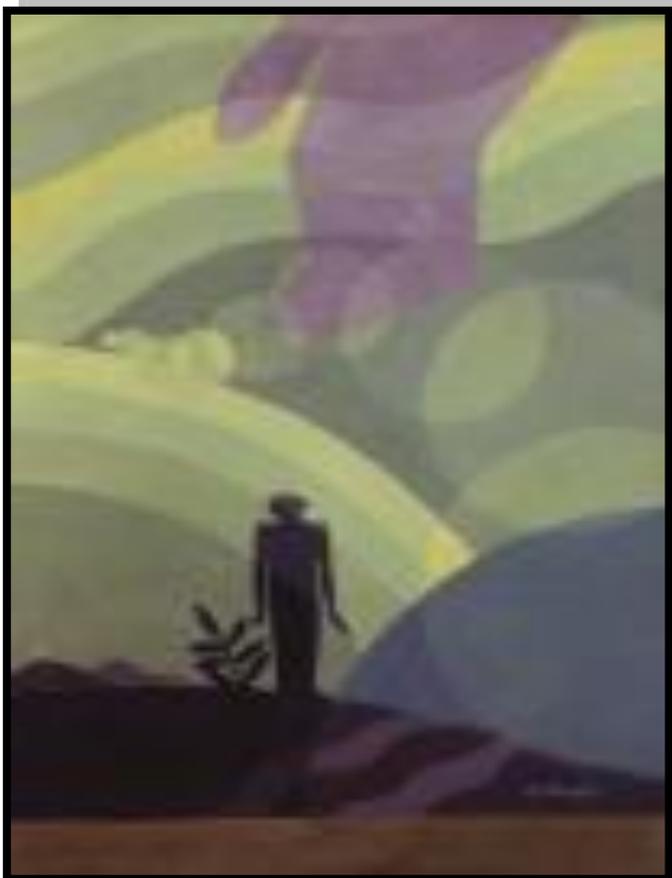
Senhor, tem piedade de orgulhosos mortais pecadores  
Pecadores pendentes à boca do inferno,  
Estasiados ante sua profunda garganta.

Senhor – cavalga esta manhã –  
Monta em Teu cavalo lácteo;  
Senhor, cavalga esta manhã –

E nessa cavalgada, cavaleia pelo velho inferno;  
Passa pelos sombrios portões do inferno,  
E impede de pobres pecadores  
Seu mergulho de ponta-cabeça no precipício.

E agora, oh Senhor, este homem de Deus,  
Que parte o pão da vida nesta manhã –  
Protege-o na concha de tua mão,  
Conserva-o fora da mira da arma do diabo.  
Lava-o, Senhor, esta manhã,  
Lava-o, por dentro e por fora, com água benta;  
Drenados seus pecados, pendura-o e seca-o no varal;  
Fixa seu ouvido ao poste da sabedoria,  
E faze de suas palavras martelos da verdade –  
Batendo no o coração de ferro do pecado.  
Senhor Deus, esta manhã,  
Põe seus olhos no telescópio da eternidade,  
E deixa-o olhar nas paredes caiadas do tempo.  
Senhor, terebintina sua imaginação,  
Dá movimento perpétuo a seus braços,  
Preenche-o com a dinamite de Tua força,  
Unta-o todo com o óleo da Tua salvação  
E coloca sua língua no fogo.

E agora, oh Senhor,  
Quando eu houver bebido minha derradeira taça de dor,  
Quando eu for conhecido como nada mais do que um filho de Deus;  
Quando eu houver caminhado pelo lado mais hostil da montanha,  
Oh, Nenê de Maria,  
Quando eu começar a descida íngreme e escorregadia da morte,  
Quando este velho mundo começar a tremer a meus pés,  
Faze-me baixar à empoeirada cova em paz,  
Para esperar pela grande manhã do renascer – Amém.



# A Criação

E Deus saiu para o vazio.

Olhou em torno e disse:

Estou sozinho.

Pra mim,

Farei um mundo.

Tão longe quanto o olho de Deus podia ver

Tudo era a escuridão,

Mais negra do que mil meias-noites

Num pântano de maricás;

Então Ele sorriu,

E a luz irrompeu,

E a escuridão resvalou para um canto;

No outro, a luz ficou a cintilar,

E Deus disse: Isto é bom!

Então, Deus foi além, tomando a luz nas mãos.

E Deus rolou a luz em suas mãos,

Fazendo nascer o Sol.

Ele colocou o Sol radiante nos céus.

A luz que sobrou do fabricar o Sol

Usou-a na criação d'outra bola luzente,

Que a jogou no espaço,

E salpicou a noite de estrelas e Lua.

Então para lá, bem embaixo,

Entre claro e escuro,

Ele arremessou a Terra;

E Deus disse: Isto é bom!

Então, Ele mesmo desceu –

O Sol estava em Sua mão direita;  
A Lua na esquerda;  
As estrelas tremeluziam sobre Sua cabeça.  
O mundo jazia a Seus pés.  
E Deus caminhou. Onde pisava  
Moldava vales  
Emergiam montanhas.

Então, parou, olhou e viu:  
A Terra era quente e árida.  
Deus foi até às bordas do mundo.  
Aí, cuspiu os sete mares;  
Ele piscou os olhos, e os raios faiscaram;  
Ele bateu palmas, e o trovão ribombou;  
As águas do céu então fluíram;  
Águas refrescantes despencaram.

Então o verde despontou,  
Os pequenos botões vermelhos floresceram,  
Os pinheiros apontaram seus dedos aos céus,  
Os carvalhos esticaram seus braços,  
Os lagos preencheram os furos do solo;  
Os rios rolaram para os mares;  
E Deus sorriu outra vez,  
Fazendo nascer o arco-íris,  
Que cascadeou sobre seus ombros.

Então Deus ergueu seu braço e acenou a mão  
Sobre os mares; sobre a terra,  
E Ele disse: Ainda mais! Mais ainda!  
E, mais rápido que Deus baixasse a mão,  
Peixes e aves,  
Animais e pássaros,

Nadavam nos mares e rios,  
Erravam por matas e florestas,  
E cortavam os ares com suas asas,  
E Deus disse: Isto é bom!

Então Deus passeou;  
E Deus olhou em torno  
A tudo que havia feito.  
Olhou para o Seu Sol,  
Olhou para Sua Lua,  
Olhou para Suas estrelinhas;  
Olhou para Sua Terra,  
Prenhe de coisas vivas,  
E Deus disse: Continuo ainda só.

Então Deus sentou-se –  
No sopé dum monte onde podia pensar;  
À margem dum fundo e largo rio, sentou-se.  
Com a cabeça entre as mãos,  
Ele pensou, e pensou,  
Então concluiu: Para mim,  
Farei o homem!

Do leito do rio  
Deus cavou o barro;  
E na margem do rio,  
Ele ajoelhou-se.  
Aí Deus, Todo Poderoso,  
Que acendeu o Sol, fixando-o no céu,  
Que espalhou estrelas nas profundezas da noite,  
Que rodou a Terra em Suas mãos,  
Este grande Deus,  
Como uma mãezinha curvada sobre seu nenê,

Ajoelhou-se na poeira,  
Obrando sobre um naco de barro,  
Até que o moldou à Sua imagem.

Então bafejou-lhe o sopro de vida.  
O homem tornava-se uma alma viva.

Amém. Amém.



## O Filho Pródigo

Jovem –

Jovem –

Tens braços curtos demais para boxear  
contra Deus.

Jesus, na parábola, contou:

Um homem tinha dois filhos.

Jesus não disse o nome desse homem,

Mas era, sim, Deus, Todo Poderoso.

E Jesus não deu os nomes desses filhos.

Mas todo o jovem,

Em qualquer lugar,

É um desses dois filhos.

O mais jovem falou a seu pai.

Ele disse: Pai, reparte os bens

E entrega já meu quinhão.

Assim o pai, lágrima nos olhos, disse: Filho

Não abandona a casa de teu pai.

Mas o jovem tinha a cabeça dura,

E o coração soberbo.

Apossou-se de seu quinhão,

E partiu para terras distantes.

Há sempre um tempo,

Há sempre um tempo  
Quando o jovem anseia deixar a casa paterna,  
Sonhando com terras distantes.

E o jovem partiu seu caminho,  
Dizendo para si mesmo, enquanto marchava:  
Este é o bom caminho,  
Nada dos ásperos sulcos, atrás do arado paterno.

Jovem –  
Jovem –  
Suave e boa é a estrada,  
Que conduz ao inferno e à ruína.  
Sempre para baixo,  
Mais caminhas, mais rápido o fazes.  
Não marcharás penando, suando, trabalhando,  
Será tudo um passeio; apenas um passeio  
Até que te arrebetes,  
Contra os portões de ferro do inferno.

E o filho caçula continuou sua caminhada,  
Até que, à noite, chegou a uma cidade.  
A cidade era luminosa; à noite igual que dia,  
As ruas congestionadas de gente,  
Tocavam orquestras de metal e cordas,  
E para todo lado o jovem olhava,  
Vendo dança, canto e riso.  
Assim, fez parar alguém, indagou:  
Dize-me, que cidade é esta?  
O transeunte riu e perguntou-lhe: Não o sabes?  
É Babilônia... Babilônia,  
A grande cidade da Babilônia.  
Vem, amigo, vamos juntos.

E o jovem juntou-se à malta.

Jovem –

Jovem –

Jamais serás um solitário, na Babilônia.

Sempre poderás juntar-te à malta, na Babilônia.

Jovem –

Jovem –

Jamais estarás sozinho, na Babilônia,

Sozinho com teu Jesus, na Babilônia.

Jamais encontrarás um lugar – lugar solitário,

Solitário para que te ajoelhes,

E converses com teu Deus, na Babilônia.

Estarás sempre com a súa, na Babilônia.

E o jovem foi adiante, com seu novo amigo,

E comprou roupas novas,

E perdeu seus dias nas cavernas da bebida,

Engolindo as chamas do inferno.

E perdeu suas noites nas cavernas do jogo;

Jogou dados com o diabo, apostando sua alma.

E foi ao encontro das mulheres da Babilônia.

Oh, as mulheres da Babilônia!

Vestidas de amarelo e púrpura e vermelho,

Carregadas de anéis e brincos e braceletes,

Seus lábios pareciam cortiços gotejando mel,

Perfumados e adocicados como o jasmim.

E o cheiro de jasmim das mulheres

Chegou às suas narinas e entrou na cabeça,

E passou a esvaír sua desregrada vida,

Nas noites, no negror das madrugadas,

Com as doce-pecadoras, mulheres da Babilônia.

E tomaram todo o seu dinheiro,

E tomaram toda a sua roupa;  
Deixaram-no arruinado e esfarrapado,  
Nas ruas da Babilônia.

Então o jovem juntou-se a outro bando –  
Os esmoleiros e os leprosos da Babilônia.  
Desceu às pocilgas;  
Estava mais faminto que os porcos,  
Rastejou na lama e no barro,  
E comeu as sobras com os porcos.  
E nenhum porco estava tão rebaixado,  
Para encarar, de baixo para cima,  
O homem – na lama da Babilônia.

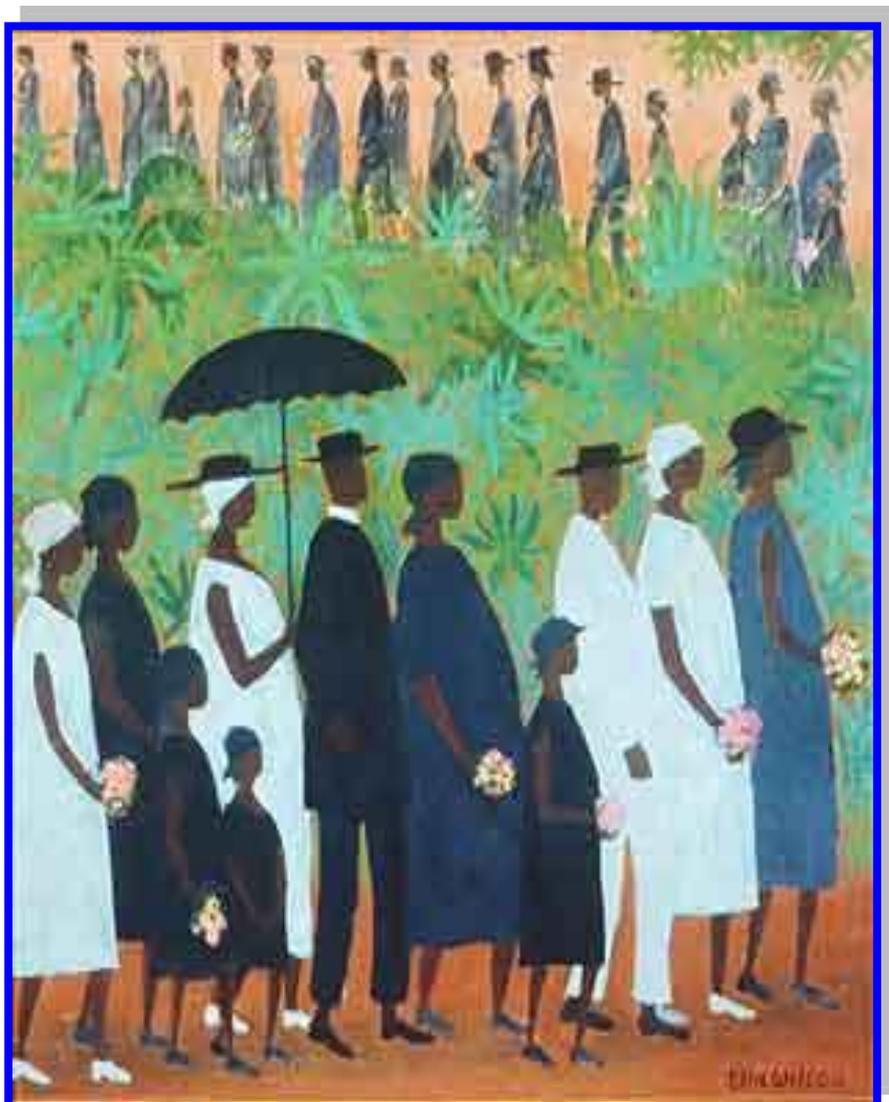
Então o jovem caiu em si – Caiu em si e disse:  
Na casa de meu pai há muitas moradas.  
Todos os empregados têm pão para comer,  
Todos os empregados têm onde dormir;  
Vou me erguer  
E voltar pra meu pai.

Então seu pai o viu lá longe,  
E correu na estrada para encontrá-lo.  
Cobriu-o com uma veste limpa,  
E, no pescoço, colocou-lhe uma corrente de ouro.  
Fez um banquete, matando a rês mais gorda.  
Convidou os vizinhos todos.

Oh, oh, pecador,  
Quando estiveste com a malta, na Babilônia –  
Bebendo do vinho, na Babilônia –  
Libando com as mulheres, na Babilônia –  
Esqueceste de Deus, e riste da morte.

Hoje tens a força de um touro no pescoço,  
E a força de um urso em teus braços,  
Mas um dia desses; um dia desses  
Vais ter que enfrentar, mão contra mão, a morte;  
E a morte por certo vencerá.

Jovem, sai da Babilônia,  
Essa cidade na fronteira do inferno.  
Deixa a Babilônia da dança e do jogo,  
Foge do vinho e do álcool da Babilônia.  
Cai de joelhos,  
E dize do coração:  
Vou me erguer;  
Vou ter com meu Pai.



## Vai lá morte! – Um Sermão Fúnebre

Não chorem, não chorem,  
Ela não está morta;  
Ela repousa no seio de Jesus.  
Marido sofredor – não mais chores;  
Filho amargurado – não mais chores;  
Ela foi pra casa, só isto.

Antes de ontem, pela manhã,

Olhava Deus de seu alto, imenso céu,  
Observando todos seus filhos,  
E seus olhos contemplaram irmã Carolina,  
Agitando-se em seu leito de dor.  
Com seu imenso coração, Deus sentia pena,  
Sentia sua eterna piedade.

E, recostado em seu trono,  
Comandou àquele anjo alto, brilhante,  
Sentado à sua mão direita:  
Chama aqui a Magra!  
E o anjo alto, brilhante, soltou sua voz,  
Que partiu como o ribombar de um trovão:  
Chama a Magra – Chama a Magra!

E o eco se espalhou pelas avenidas do céu,  
Até alcançar um recanto sombrio,  
Onde a Morte aguarda com seus pálidos cavalos brancos.

E a Magra ouviu o chamado,  
E montou em seu cavalo mais rápido,  
Pálido como um lençol ao luar.  
Ao longo da avenida dourada, galopou seu cavalo,  
Fazendo-o arrancar, com os cascos, faíscas do ouro.  
Mas não havia qualquer ruído.  
Rumou a Magra para o Grande Trono Branco,  
E esperou pela ordem de Deus.

E Deus disse: Vai lá, Magra, vai lá,  
Vai lá no Rio Grande,  
Na Granja Getúlio,  
E acha irmã Carolina.  
Ela carregou o fardo, e suou a jornada,  
Ela labutou muito em meu vinhedo,  
Ela está cansada –  
Ela está fatigada –  
Vai lá, Magra, e traze-me Carolina.

E a Morte não disse palavra;  
Desatou as rédeas de seu pálido cavalo branco,  
E premeu as esporas nos quartos anêmicos,  
Cavalgando embora, e para baixo,  
Cruzando os perolados portões do céu.  
Dentre sóis, luas e estrelas,  
A Morte se foi,  
E a espuma de seu corcel, ficou como um cometa no céu.  
A Morte se foi.  
Deixando atrás o lampejo dos raios,

La vinha ela celeremente.  
Enquanto velávamos seu leite,  
Irmã Carolina revirou os olhos, e fixou-os longe;  
Viu o que não se podia ver:  
Viu a velha Magra. Viu a velha Morte,  
Chegando como estrela cadente.  
Mas a Morte não intimidou Carolina;  
Olhou-a como a uma velha conhecida,  
E sussurrou-nos: Estou indo para casa.  
E sorrindo, fechou os olhos.

E a Morte tomou-a como a um nenê,  
Amparando-a em seus frigidíssimos braços.  
Mas Carolina não sentiu o frio.  
A Morte começou a galopar de novo –  
Alto, além da estrela vespertina;  
Alto, além da estrela matutina,  
Adentrando a resplandecente luz da glória,  
Até o Grande Trono Branco.  
E lá repousou Irmã Carolina  
No amantíssimo seio de Jesus.

E Jesus com sua mão enxugou as lágrimas,  
E acariciou as rugas de sua face,  
E os anjos entoaram uma cançoneta;  
E Jesus embalou-a em seu braços,  
E ficou a repetir: descansa,  
Descansa, descansa.

Não chorem – não chorem  
Ela não está morta;  
Ela repousa no seio de Jesus.

## Noé constrói a Arca



No frescor da manhã –  
 Deus passeava –  
 Pelo Jardim do Éden.  
 Fora os animais, pastando nos  
 campos,  
 E os pássaros, voando através as  
 árvores,  
 O Jardim parecia um deserto.  
 E Deus chamou: Adão,  
 Adão, onde tu estás?  
 Adão, a Eva atrás de si,  
 Surgiu de onde se escondia.  
 E Deus disse: Adão,  
 O que fizeste?  
 Comeste da árvore!  
 Então Adão,  
 Os braços pendentes,  
 Culpou a mulher.  
 Criado o primeiro homem, Adão,  
 Deus colocou-o a dormir  
 profundamente.  
 Removeu-lhe então uma costela,  
 Gerando com ela a primeira mulher.  
 E Deus colocou-os juntos,  
 No belo Jardim de Éden,  
 Sem nada por fazer, o dia todo,  
 Senão por ali vagar.  
 Deus chamou Adão  
 Para dizer-lhe:  
 Ouve bem, Adão,

Das frutas todas podes comer,  
Mas da árvore do saber, não!  
Pois se dela venhas comer  
Por certo vais morrer.

Não muito após, apareceu Satanás.  
O velho Satã era uma serpente da grama,  
Pronta para engabelar a mulher.  
Posso, agora, imaginar o velho Satã,  
Chegando-se furtivo à mulher.  
Imagino a primeira fala de Satã:  
Eva, és muito atraente.  
Imagino que ele trouxe também um presente C  
E se isto havia em tempos antanhos,  
Trouxe-lhe um espelho.

Assim, Eva e Satanás tornaram-se amigos –  
E Eva caminhava em solo movediço!  
Jamais, de Satanás se torne amigo –  
E começaram a falar sobre o Jardim,  
Quando Satanás disse: Gostas da fruta  
Da árvore alta, florida e bela;  
Aquela bem no meio do Jardim?  
E Eva disse:  
É a árvore proibida,  
Se dela comermos, morreremos.  
E Satanás riu um risinho diabólico,  
E disse à mulher: Deus está te enganando, Eva;  
Aquela é a fruta mais doce do Jardim.  
Sei que podes comer da fruta,  
Assim como sei, não morrerás.

Eva, então, olhou para a fruta proibida,

Viu-a vermelha, madura, succulenta.  
Apanhou-a, mordeu-a, ofereceu-a para Adão;  
Adão não foi capaz de recusar,  
Mordeu-a e sentou-se ao lado de Eva,  
Comendo a fruta proibida –  
Lá atrás, seis mil anos passados, o homem  
Seduzido era pela mulher. – Ainda hoje,  
Meu Deus!, nada mudou.

E foi assim que o pecado nasceu.  
O homem, se multiplicando,  
Somou fraqueza e pecado,  
Mortes, luxúria e violência;  
Todos os tipos de fornicação,  
Até que tudo estava corrompido, podre, carnal;  
Abominável aos olhos de Deus.

Deus aborrecia-se com os pecados do homem.  
Deus arrependia-se de haver criado o homem.  
Então disse: vou destruí-lo.  
Vou julgá-lo usando as águas.  
Vou destruir tudo na face da terra,  
Homem, bestas, pássaros e répteis.  
E Ele disse: tudo,  
Menos os peixes.

Mas, era Noé um homem justo e honesto.  
Noé passeava e conversava com Deus.  
Certo dia Deus falou para Noé –  
Ele disse: Noé, constrói uma arca.  
Constrói-a de tábuas de cipreste.  
Faze-a ampla e forte.  
Calafeta-a toda com betume;

Segue as medidas

Que te vou dar.

Faze-a para toda tua gente,  
E leva sementes das coisas da terra,  
Pois vou mandar formidável torrente,  
Para destruir este mundo viciado.

E Noé começou a fazer a arca.  
Trabalhou por quase cem anos.  
E sempre a gente aparecia,  
Para debochar do velho Noé.  
E riam e diziam: Fala, velho,  
Onde vais navegar com este barco,  
Aqui em cima, nas montanhas?  
Mas Noé continuava seu trabalho.  
Seguidamente o velho Noé pausava.  
O martelo, a serra em repouso,  
Empunhava sua bengala,  
E com a longa barba branca esvoaçando ao vento,  
A luz do evangelho brilhando no olhos,  
O velho Noé pregava a palavra do Senhor:

Pecadores, oh, pecadores,  
Arrependam-se, o Julgamento Final já chega.  
Pecadores, oh, pecadores,  
Arrependam-se, o Tempo está próximo;  
A ira de Deus se acumula no céu.  
Deus vai fazer chover, e chover na chuva!  
Deus vai abrir o fundo do abismo,  
E afogar este mundo viciado.  
Pecadores, arrependam-se enquanto é tempo,  
Para que Deus mude seu curso.

Alguns jovens espertos diziam: Este velho  
Está com água na cabeça.

E a gente toda ria – Senhor, e eles não riam?!  
Não davam importância a Noé,  
Continuavam pecando como sempre.

Uma manhã clara e ensolarada,  
Não havia uma nuvem sequer no céu,  
Deus disse para Noé: Embarca na arca!  
E Noé, com sua gente, embarcaram na arca,  
O mesmo fizeram os animais, aos pares,  
Macho e fêmea, foram indo.  
Então disse Deus: Noé, fecha a porta!  
E Noé fechou a porta.

Pequena mancha negra começou a espalhar-se,  
Como um tinteiro derramado, sobre o céu.  
E o trovão rugiu como um sonoro tambor;  
E o raio correu de ponto a ponto;  
E começou a chover, chovia e chovia,  
Poderoso Deus, ah! como chovia!  
Por quarenta dias e quarenta noites,  
As águas caíram, as águas jorraram;  
Um mar, viraram as terras secas.  
E a velha arca começou a singrar;  
A velha arca começou a gingar.  
Pecadores correram para alcançar a arca;  
Pecadores imploraram; pecadores rezaram C  
Pecadores choraram, pecadores protestaram C  
Mas Noé manteve a porta fechada.

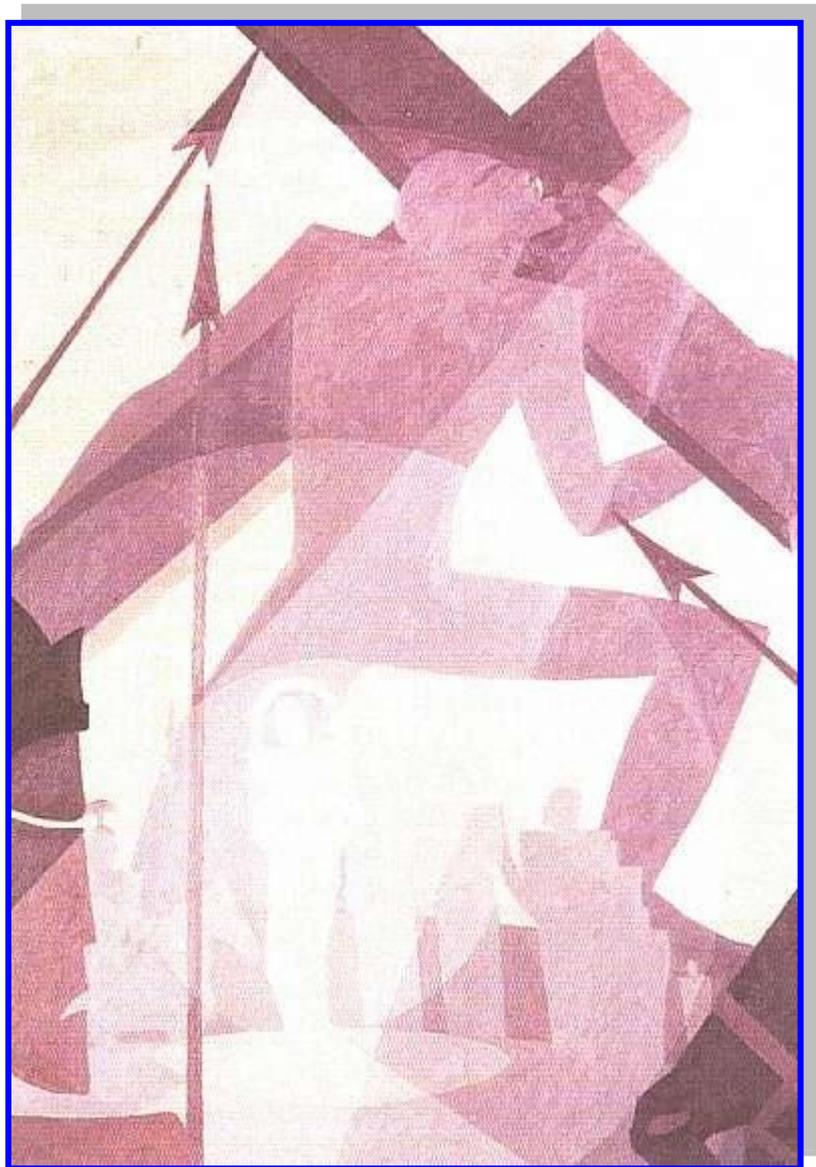
Tudo, árvores, colinas e o cume das montanhas  
Desapareceu sob as águas.  
E a velha arca singrou o solitário mar;  
Por doze meses singrou o mar –  
Um mar sem qualquer praia.

Então as águas começaram a baixar,  
E a arca tocou seu fundo no pico mais alto,  
O pico do Monte Ararat.  
A pomba entregou a Noé um ramo de oliveira.  
E quando Noé viu que a grama verdejava,  
Abriu a porta e mandou a todos descer;  
Gente, animais, aos pares,  
Da montanha para o vale.  
Então as lágrimas rolaram na face de Noé,  
E Noé se aproximou do solo, e beijou a terra seca.

E então –

No céu, Deus pendurou seu arco-íris,  
E disse para Noé: Este é meu sinal!  
Com água, nunca mais julgarei os homens –  
Farei chover fogo, na próxima vez.

# A crucificação



Jesus, meu gentil Jesus,  
 Caminhando no escuro do Jardim –  
 O Jardim de Getsêmani,  
 Dizendo a três discípulos:  
 Minha alma está triste –  
 Mesmo à morte.  
 Esperem-me aqui um pouco  
 E vigiem comigo.

Jesus, meu oprimido Jesus,  
 Rezando no escuro do Jardim –  
 O Jardim de Getsêmani.  
 Dizendo: Pai  
 Oh, Pai,  
 Esta taça de fel,  
 Esta taça de fel,  
 Que dela não beba.

Jesus, meu triste Jesus,  
 Gotas doces de sangue em Sua face,

Falando com Seu Pai,  
 Enquanto dormiam os três discípulos,  
 Dizendo: Pai,  
 Não como desejei,  
 Não como desejei,  
 Mas que se cumpra Tua vontade.

Oh, olhe para o empedernido Judas,  
 Sorrateiro, no escuro do Jardim,

Conduzindo sua turba dos crucificadores.

Oh, Deus!

Fulmina-o!

Por que não o fulminas,

Antes que dê seu beijo de traidor

Na face de meu Jesus?

E eles levaram meu resignado Jesus,

E eles o levaram até o Governador,

O poderoso Governador romano.

O grande Pilatos, sentado em seu tribunal –

O grande Pilatos, em seu trono de juiz,

Disse: Neste homem, não vejo pecado.

E Pilatos lavou suas mãos.

Mas eles gritavam:

Crucifiquem-no! –

Crucifiquem-no! –

Crucifiquem-no! –

Seu sangue esteja em nossas cabeças.

E eles espancaram meu amado Jesus,

Eles cuspiram em meu precioso Jesus,

Vestiram-no num robe de púrpura,

Uma coroa de espinhos, puseram em Sua cabeça,

E apertaram-na bastante;

Oh, apertaram-na bastante.

E se divertiram com meu doce Rei Jesus.

Subindo a áspera via do Gólgata,

Vejo meu Jesus seguir.

Vejo-o afundar sob o peso,

Vejo meu gotejante Jesus afundar.

Então eles aproximaram Simão;

O negro Simão, sim, o negro Simão;  
E colocaram a cruz em Simão.

No Calvário, no Calvário,  
Eles crucificaram meu Jesus.  
Eles pregaram Jesus no tronco cruel.

E o martelo!  
O martelo!  
O martelo!  
Ressoou pelas ruas de Jerusalém.  
O martelo!  
O martelo!  
O martelo!  
Ressoou pelas ruas de Jerusalém.

Jesus, meu Cordeiro Jesus,  
Tremendo enquanto os pregos perfuravam Suas mãos;  
Jesus, meu Cordeiro Jesus,  
Tremendo enquanto os pregos perfuravam seus pés.  
Jesus, meu querido Jesus,  
Gemendo quando a espada romana estocou seu peito;  
Jesus, meu querido Jesus,  
Gemendo quando o sangue escorreu de sua ferida;  
Oh, vejam o que fizeram com meu Jesus.

Maria,  
Triste Maria,  
Vê seu pobre pequeno Jesus na cruz,  
Suspenso entre dois ladrões.

E Jesus, meu solitário Jesus,  
Chamou ainda outra vez a seu Pai,  
Dizendo:

Meu Deus,

Meu Deus,

Por que me abandonaste?

E deixa cair Sua cabeça, e morre.

E o véu do templo rompeu-se em dois;

O sol de meio dia não quer brilhar;

O trovão ruge, e o raio escreve,

Numa estranha língua, no céu.

Mas que dia, Senhor, mas que dia!

Quando meu abençoado Jesus morreu.

Oh, eu tremo, sim, eu tremo,

Tudo me faz tremer, tremer,

Quando eu penso como Jesus morreu;

Morreu nos degraus do Calvário;

Como Jesus morreu pelos pecadores,

Pecadores como você eu.



## Deixa meu povo ir

E Deus chamou Moisés.  
 Por detrás dos ciprestes,  
 Chamou-o suave, baixinho,  
 E disse: Moisés – Moisés –  
 E Moisés ouviu.  
 E respondeu:  
 Senhor, aqui estou.  
 A voz, atrás dos ciprestes, disse:

Moisés,  
 Não chegues tão perto, e tira tuas sandálias,  
 Porque estás em solo sagrado.  
 Moisés parou ali mesmo;  
 Tirou as sandálias;  
 E olhou para os ciprestes,  
 De onde vinha a voz,  
 Mas, ser nenhum ele viu.

De novo, Deus falou a Moisés.  
 Desta feita, com a voz do trovão:  
 Eu sou teu Deus Poderoso,  
 Sou o Deus de teus pais,  
 Sou o Deus de Abrão,  
 De Isaac e de Jacó.  
 Então, Moisés escondeu a face.



E Deus disse para Moisés:  
Eu vi o horrível sofrimento  
De meu povo lá no Egito.  
Vi seus cruéis opressores,  
Seus capatazes e feitores.  
Os gemidos de meu povo,  
Feriram meus ouvidos.  
Isso tudo, não vou mais suportar.  
Por isso, desci aqui – vou levá-lo,  
Para fora do Egito.  
Desta terra vou retirá-lo,  
E, para Canaã, conduzi-lo.  
Assim, Moisés, vai,  
Vai lá, no seio do Egito,  
E dize ao velho Faraó:  
Deixa meu povo ir.

E Moisés respondeu:  
Senhor, quem sou eu  
Para fazer uma pregação ao Faraó?  
Pois, Senhor, sabeis sou tartamudo.  
Mas Deus disse: Eu serei tua boca;  
Eu serei tua língua;  
Assim, Moisés, vai,  
Vai lá, no seio do Egito,  
E dize ao velho Faraó:  
Deixa meu povo ir.

E Moisés, o cajado na mão,  
Foi até o Faraó para dizer:  
Assim falou o Senhor Deus de Israel:  
Deixa meu povo ir.

O Faraó olhou para Moisés,  
Ficou parado, admirando Moisés;  
Então falou: Quem é o esse Senhor?  
Os deuses do Egito, eu conheço todos;  
Mas, de Israel, conheço nenhum!  
Assim, volta, Moisés, e dize a teu Deus:  
Não vou deixar esse povo ir.

Pobre velho Faraó,  
Conhece todo o saber do Egito,  
E nunca soube –  
Ele nunca soube,  
Do único e vívido Deus.  
Pobre velho Faraó,  
Reuniu o poder do Egito,  
E vai tentar,  
Sua força cotejar,  
Com o poderio do grande Jeová;  
Com o poderio do Senhor Deus das Gentes;  
Com o poderoso Senhor das batalhas.  
E Deus, sentado lá acima, no céu,  
Riu do pobre velho Faraó.

E o Faraó chamou os capatazes,  
E o Faraó chamou os feitores,  
Dizendo-lhes: Mais trabalho ainda,  
Ponham nos ombros dos filhos de Israel.  
Então o povo argüiu Moisés,  
E gritava: Vê, Moisés,  
Estiveste com o Faraó, mas olha  
Como o Faraó nos deixou.  
E Moisés ficou muito angustiado.

Mas Deus disse: Vai de novo, Moisés,  
Vai com teu irmão, Arão,  
E repete ao Faraó,  
Assim falou o Senhor Deus de Israel:  
Deixa meu povo ir.  
Moisés e Arão, os cajados nas mãos,  
Produziram muitos sinais e milagres.  
Mas o Faraó chamou seus mágicos,  
Que também realizaram milagres.  
Assim, endureceu o coração do Faraó,  
E não iria –  
Não, ele não iria –  
Deixar o povo de Deus partir.

E Deus fez cair pragas sobre o Egito,  
Pragas de sapos e piolhos e gafanhotos;  
Pragas de sangue e vapor e escuridão,  
E outras pragas.  
Mas cada vez que Deus mandava uma praga,  
O coração do Faraó se enrijecia.  
Assim ele não iria –  
Não, ele não iria – Deixar o povo de Deus partir.  
Moisés ficou muito angustiado.

Então o Senhor disse: Moisés, ouve!  
O Deus de Israel não vai ser humilhado;  
Vou dar apenas mais uma prova de poder  
A esse Faraó de coração empedernido.  
Hoje, ainda, perto da meia-noite,  
Vou atravessar o Egito;  
Junto comigo irá minha justa ira.  
Farei mortos seus primogênitos.

E naquela noite Deus cruzou.  
Pelo Egito um grito uníssono ecoou.  
No meio da noite, o Faraó acordou,  
E com urgência a Moisés chamou.  
Disse: Saíam de junto ao meu povo,  
Você e todos os filhos de Israel;  
Apanhem seus bens e rebanhos,  
E saíam da terra do Egito.

De imediato, Moisés os fez partir,  
Com seus bens e rebanhos,  
E Deus tomou a dianteira:  
Uma coluna de nuvens de dia,  
Uma coluna de fogo à noite.  
E eles marcharam no deserto,  
Até chegarem ao Mar Vermelho

Pela manhã,  
Oh, pela manhã,  
Não tinham mais os filhos de Israel.  
Por quatrocentos anos –  
Por quatrocentos anos,  
Foram prisioneiros na terra do Egito.  
Lá ficaram sob o açoite dos feitores,  
Trabalhando sem paga e sem preço.  
E teria dito a mulher do Faraó:  
Vê o que fizeste, Faraó.  
Deixaste os filhos de Israel partir!  
Pois quem vai nos servir agora?  
Quem fará tijolos e argamassa?  
Quem plantará e colherá o milho?  
Quem acordará no frio da madrugada?

Quem trabalhará sob sol inclemente?

Diz-me Faraó, quem fará?

E o Faraó chamou seus generais;  
Os generais chamaram os capitães;  
Os capitães chamaram os soldados.  
Assim, atrelaram seus carros,  
Seiscentos carros de guerra,  
E dois mil e quatrocentos cavalos.  
Os carros estavam com homens,  
Com espadas e escudos;  
Brilhantes as lanças,  
Os arcos de guerra e as flechas.  
Assim, o Faraó e seu exército  
Perseguiram os filhos de Israel,  
Até às bordas do Mar Vermelho.

Agora, olhando para trás, os filhos de Israel,  
Vêem o exército do Faraó se aproximando.  
E o retumbar dos carros parece o trovão da tempestade;  
E o vibrar das rodas parece o zunir do vento;  
E a poeira dos cascos torna o dia em noite;  
O brilho das lanças parece raios na noite.

Os filhos de Israel perderam a fé;  
Os filhos de Israel perderam a esperança;  
O profundo Mar Vermelho à sua frente,  
E as hostes do Faraó por detrás.  
E eles murmuram e rosnaram entre si:  
Não haveria túmulos no Egito?  
E eles se lamentavam para Moisés:  
Escravidão no Egito, era melhor  
Que morrer neste deserto.

Mas Moisés disse:

Quietos! Quietos!

E verão a salvação do Senhor.

O Senhor Deus de Israel

Jamais abandonará seu povo.

O Senhor destruirá os carros,

O Senhor destruirá os cavaleiros,

Ele partirá as espadas

E escudos dos egípcios,

Seus arcos e suas flechas;

Hoje Ele fará o orgulhoso Faraó saber

Quem é o Deus de Israel.

E Moisés levantou seu cajado

Sobre o Mar Vermelho.

E Deus, com um sopro,

Apartou as águas,

E as ondas recuaram,

Abrindo um caminho,

Pelo meio do mar,

Seco como as areias do deserto.

E os filhos de Israel, todos cruzaram,

Para o outro lado.

Quando o Faraó os viu passando no seco,

Arremeteu em sua direção.

O velho Faraó estava no meio do caminho,

Aí Deus liberou as águas,

Que voltaram a se unir.

O Faraó e seu exército se perdeu,

Todas as hostes se afogaram.

Assim, Moisés cantou e Miriã dançou,  
E o povo em regozijo gritou.  
E Deus conduziu os filhos de Israel  
Até que chegaram à Terra Prometida.

Ouçam! – Ouçam!  
Todos vocês, filhos do Faraó.  
Quem imagina escravizar o povo de Deus,  
Quando o próprio Senhor Deus disse:  
Deixa meu povo ir?

# O dia do Juízo Final



No Grande Dia, meu povo,  
 No Grande Dia, Ele vai chover fogo.  
 Deus, pairando no ar,  
 Vai julgar os vivos e os mortos.

Bem cedo, num alvorecer,  
 Ele vai chamar Gabriel,  
 O glorioso, imponente, Gabriel;  
 E Deus vai dizer: Gabriel,  
 Faze soar tua corneta de prata;  
 Acorda as nações viventes.

Gabriel vai indagar, assim: Senhor,  
 Devo tocar muito alto?  
 E Deus vai responder: Gabriel,  
 Toca serena e suavemente.

Aí, com um pé no cume da montanha,  
 Com outro, no meio dos mares,  
 Gabriel vai erguer-se e tocar a corneta,  
 E acordar os povos viventes.

Então, Deus vai dizer-lhe: Gabriel,  
 Outra vez, faze soar tua corneta de prata;  
 Acorda agora as nações subterrâneas.

Gabriel vai indagar, assim: Senhor,  
 Devo tocar muito alto?  
 E Deus vai responder: Gabriel,

Como o ribombar de sete trovões.  
 Aí, o glorioso, imponente Gabriel  
 Colocará um pé nas ameias do céu,  
 E outro nas profundezas do inferno,  
 Para soar sua corneta de prata,  
 Até sacudir com as bases do inferno.

Vejo a velha Terra a tremer –  
 Vejo sepulcros a se irromperem –  
 Ouço então um som,  
 Um som de arrepiar.  
 E que som estou ouvindo?  
 É o estalido da reunião de ossos secos;  
 Osso a osso – os secos ossos.  
 Vejo então, dos sepulcros irrompendo,  
 A marchar desde o Vale da Morte,  
 O exército dos mortos.  
 E os vivos e os mortos, no piscar de um olho,  
 São arrebatados aos céus, postos  
 Ante o tribunal de Deus.

Oh, oh, pecadores,  
 Onde estarão vocês,  
 Neste Grande Dia –  
 Quando Deus vai chover fogo?  
 Oh, tu, jogador – onde estarás?  
 E tu, rufião – onde estarás?  
 Mentirosos e reincidentes – onde estarão,  
 Neste Grande Dia –  
 Quando Deus vai chover fogo?

Deus então vai separar os carneiros dos bodes,  
 Aqueles à direita, os outros à esquerda.

Aos à direita, Deus vai dizer-lhes:

Entrem no meu reino.

E esses que atravessaram grandes suplícios,  
E lavaram seus roupões no sangue da Ovelha,

Estes entrarão –

Vestidos em imaculado branco,  
Com faiscantes coroas sobre as cabeças,  
Sandálias de prata nos pés,  
E dedilhando suas harpas.

Então, aos pares, caminharão

Para cima e para baixo na estrada dourada,  
Saboreando do leite e do mel,  
Entoando novos cânticos de Sião,  
Confraternizando com os anjos,  
Todos à volta do Grande Trono Branco.

Para os à esquerda, Deus vai dizer-lhes:

Saiam da minha frente, rumo à eterna noite;

Ao extremo do buraco sem fundo.

Aí, nacos de chumbo começarão a cair,  
Torrencialmente, por sete dias e noites, vão cair,  
Certeiros dentro da imensa, negra,  
Incandescente boca do inferno,  
Vomitando fogo e enxofre.

E seus gemidos, como o ladrar e o rosnar de cães,

Sairão do inferno, com o fogo e a fumaça,

Mas Deus fechará seus ouvidos.

Tarde demais, pecador! Tarde demais!

Adeus pecador! Adeus!

No inferno, pecador! No inferno!

Fora do alcance do amor de Deus.

E ouço uma voz, gritando, gritando:

É o fim!

É o fim!

É o fim!

Então o Sol vai se apagar como uma vela ao vento;

A Lua passará a gotejar sangue;

As estrelas cairão qual hulha,

E o mar vai arder como alcatrão;

A Terra se fundirá, dissolvendo-se;

O céu vai enrolar-se como um pergaminho.

Com um aceno de Sua mão, Deus terminará os dias

E fará girar a roda da eternidade.

Pecadores, oh, pecadores,

Onde estarão vocês,

Neste Grande Dia –

Quando Deus vai chover fogo?